

## Homicídio entre jovens na periferia

Roberta Leite e Yuri Gaspar

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/ras/598>

DOI: 10.4000/ras.598

ISSN: 2312-5195

**Editora**

Sociedade Angolana de Sociologia

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 dezembro 2011

Paginação: 203-206

ISSN: 1646-9860

**Refêrencia eletrónica**

Roberta Leite e Yuri Gaspar, « Homicídio entre jovens na periferia », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 13 dezembro 2013, consultado no dia 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/598> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.598>

---

# Homicídio entre jovens na periferia – Roberta Leite & Yuri Gaspar

José Eduardo Ferreira Santos

2010: *Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens de periferia*, Salvador: Edufba.

Perplexidade — essa é a vivência que nos acompanha do início ao fim da leitura do livro *Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens de periferia*, de José Eduardo Ferreira Santos, fruto da sua tese de Doutorado em Saúde Colectiva na Universidade Federal da Bahia (Brasil).

Perplexidade. Nós, que vivemos numa cultura de banalização do mal, nas palavras de Hannah Arendt [1999], somos convocados por este livro a assumir uma nova posição. O nosso mundo contemporâneo assiste, por um lado, a uma exposição cada vez maior do mal, da violência, das consequências funestas do tráfico de drogas, que são particularmente cruéis para os jovens da periferia. É uma exposição maciça, que parece não nos tocar mais, seja porque estamos anestesiados, seja porque, escandalizados, deixamos de nos dar ao trabalho de verificar como tudo isso influi na nossa vida. A banalidade pode vir também na esteira da generalização: o mal é tomado como a definição do humano, de modo que diante dela não há saída, somos reféns da maldade que habita em nós e no mundo que nos rodeia. Mas, no encontro com a análise perspicaz de Santos [2010] acerca das repercussões do homicídio entre jovens da periferia, nós, que convivemos e tantas vezes assumimos tais banalizações, descobrimo-nos perplexos: será mesmo o mal a definição última da realidade humana? Como podemos estar diante do mal sem perder o valor e a afirmação da vida que ele, de alguma forma, nega? Como podemos, mesmo diante da violência, reconhecer um rosto humano que pulsa e que clama por algo mais?

Ao ler este livro somos, portanto, arremessados para longe dos lugares comuns, da letargia social que quotidianamente nos paralisa. Nós (que tantas vezes nos acomodamos num lugar distante para afirmar que é “assim mesmo”, quando um jovem inserido na marginalidade mata outro) somos arremessados para dentro do fenómeno de modo a constatar o absurdo da nossa indiferença. Arremessados de modo a nos deixarmos tocar pelo facto de que, experiencialmente, é inaceitável que amigos matem amigos.

É realmente impressionante como, diante de um tema tão forte, banalizado e estigmatizado, podemos ser cativados pela humanidade que irrompe do seio do drama da vida, retratado pelo autor. Por isso se trata de um livro que nos cativa não somente pelo seu conteúdo, pois pelo contrário tenderíamos a afastar-nos por a sua abordagem ser muito dolorosa. O livro de Santos [2010] tem a maestria de abalar os nossos lugares comuns. Como é isso possível? Ousamos dizer que se trata de um genial recurso do autor, que sabe comunicar a sua pesquisa como se nos oferecesse um caleidoscópio. Começar a ler o livro é como timidamente colar o olho nesse instrumento que nos atira para uma realidade complexa, multifacetada, que não pode ser explicada por um só lado e que se mantém em contínua transformação, em contínuo movimento.

Assim como um caleidoscópio nos fascina, nos permite ver desde dentro, nos inebria com tantos detalhes, nos provoca a lançar sempre um novo olhar, este livro espanta-nos, transporta-nos para as ruas do subúrbio, apresenta-nos a cada momento uma nova faceta da periferia, convida-nos a conhecer a polifonia das vidas que compõem as comunidades pobres e não nos apazigua com explicações fáceis acerca dos caminhos que levam alguns jovens a iniciar a trajetória de marginalização. Vemo-nos então convocados a querer penetrar mais nesse mundo, compreender melhor afinal por que razão, dentre tantos “factores que podem ser sinalizações”, não se cala a pergunta pela razão “que faz com que um jovem armado assassine outro do seu âmbito de relações” [Santos 2010: 113].

Para construir esse caleidoscópio, o artífice José Eduardo trabalha desde dentro: como ele mesmo nos diz, não é bem um observador participante, mas antes um *participante observador*. É alguém mergulhado na realidade que descreve, que escreve e sistematiza permitindo que a nossa imparcialidade se transfigure em perplexidade ante um fenómeno que diz respeito a todos nós.

O autor trata e envolve-se com cada aspecto deste drama, evidenciando a humanidade presente em todo o tipo de manifestação, por mais distante, perversa e marginal que possa parecer. A surpresa que nos salta aos olhos é que, mesmos naquelas manifestações, há um rosto. Mesmo que esteja apagado ou machucado, não deixa de ser um rosto, um rosto humano. Essa preciosidade do olhar de Eduardo Santos convida-nos a não desistir de uma leitura difícil. Já nas primeiras cenas descritas no início do livro colhemos um impacto forte, que evidencia o drama de relacionamentos que deveriam valorizar a vida (a amizade) mas que, no fim, se corrompem, tornando-se “invertidos”, nas palavras do autor. O modo como é descrito este processo que culmina em morte não nos afasta desse drama. Pelo contrário, aproxima-nos a ele ao desvelar que se trata de uma possibilidade presente na realidade humana. Não uma possibilidade humana fatídica, como se o homem estivesse pré-destinado a matar, mas uma possibilidade humana que nos indigna.

E o livro, como um caleidoscópio, continua a surpreender-nos com novas imagens. Há tanto o que considerar na realidade efervescente da periferia, na dinâmica inquietante do desenvolvimento da juventude, na variedade de influências, nas trajetórias de marginalização: factores sociológicos e subjectivos, falta de trabalho, carência de sólidas figuras de referência e autoridade num período de descobertas.

Acolhendo e constantemente percorrendo esses factores sob novos ângulos, o autor pode identificar o início da toxicoddependência como ponto de viragem: exclusão nos contextos quotidianos de socialização e inserção nos contextos da marginalidade, onde impera a lógica instrumental do consumo,

da objectivação das relações, das disputas pelo poder. A lei do mais forte: crescer nessa trajectória significa ser marcado para morrer. O desenvolvimento transforma-se então em oráculo, trajectória com fim certo: “homicídio perpetrado pelos seus pares” [Santos 2010: 178].

Inebriados com todo o movimento desse caleidoscópio, reconhecemos que há muito para descobrir acerca dessa inversão da sociabilidade – que transforma vínculos em relações de consumo, transformando o parceiro em objecto, logo, em algo a ser usado e descartado. Há tanta novidade nas modalidades de violência contra as jovens que se concretizam nos silêncios privados ou nos espaços públicos. Há tantas motivações complexas que se articulam na composição dos quadros de vingança, em que o desalento ante a injusta morte do amigo arrasta jovens ao triste destino de matar e serem mortos.

O livro é, pois, um caleidoscópio que une dois lados, dois universos simbólicos: inserção versus exclusão social. De um lado, está a sociabilidade que constitui vínculos e, do outro, o estigma, a assunção de outros códigos, a “outra vida”. Entre estes dois universos existem “vãos e fronteiras simbólicas: universos paralelos convivendo num mesmo contexto, na periferia. (...) Na falta de oportunidades e espaços de integração este vão vai-se encurtando até chegar a uma proximidade perigosa entre esses dois universos” [Santos 2010: 200].

Para cuidar desses vãos, Santos dedica-se a identificar pertenças e dinâmicas do contexto e da violência, palmilhando assim frestas por onde seja possível a entrada de alguma luz. Espiando por estas frestas junto ao autor, identificamos o eterno retorno do desterro – rompimento dos laços estruturadores, memória apagada ou impetrada pelo desejo de vingança. Discorrendo acerca da dinâmica do desterro, Eduardo Santos apresenta com riqueza de detalhe o *continuum* de marginalização dos jovens, reflexo de um modo esvaziado e redutivo de lidar com a própria experiência. Trata-se de uma marginalização não somente da sociedade, mas também marginalização de si mesmo, dos vínculos que constituíram a trajectória e a humanidade daqueles jovens. Há o desterro territorial, descrito tanto como deambulação do jovem, quanto como desterritorialização das famílias. Há também o desterro relacional (rompimento dos vínculos) e o desterro simbólico (apagar da memória). Estamos diante, portanto, de uma ruptura absurda com o passado. E o desterro concretiza-se até mesmo para além da vida: o jovem assassinado tem a sua existência como que apagada da história.

Essas são consequências de atitudes desumanas, que (como descreve Giussani [2009]) geram incomunicabilidade, solidão e perda de liberdade para o jovem e a sua família. Facto: a marginalização desenraíza. Mas, ao reconhecer o desenraizamento como factor estruturante dessa trajectória, Eduardo Santos apreende uma saída, por ele vivida e proposta, de romper com este continuum: o enraizamento. Na esteira do pensamento de Simone Weil [2001: 47], “quem é desenraizado desenraíza. Quem é enraizado, não desenraíza”. E é neste processo de enraizamento na cultura e na história que o livro evidencia uma possibilidade concreta de prevenção para os jovens da periferia e de recuperação do rosto humano daqueles que já atravessaram o vão.

Assim, remexendo o seu caleidoscópio, Santos [2010: 254] é capaz de nos mostrar que até mesmo para o jovem inserido na marginalidade há esperança. O desterro que o introduz num novo contexto sociocultural, distante do seu lugar original, “pode trazer uma recuperação das fracturas psicossociais geradas pela violência, significando um recomeço”.

São, portanto, tantas as formas de exclusão, de não pertença, que convivem com possibilidades e lutas que clamam por um outro futuro para estes jovens. Também por isso a atenção às graduações da marginalidade (mais um mosaico que emerge desse caleidoscópio) tem a força de descortinar possibilidades para vias de intervenção.

Ao longo de todo o livro, ouvimos a voz do investigador que grita: “não há vida que precise de ser ceifada” [Santos 2010: 218]. Intuímos também o desalento do investigador que cala: esses são os seus vãos, medo e impotência, estado de suspeição, “limitação do autor em lidar com essa dor” [Santos 2010: 257].

É aqui, na beira desse vão, que a nossa voz muda ecoa o clamor por esperança. A nossa voz é muda, mas não mais indiferente, impassível ao horror da guerra urbana. Movida pela dor, a nossa voz muda pede e, portanto, pode ver que a periferia não é só isso, que a vida dos meninos do tráfico não é só isso, que há muito por ser feito. Existe sim a possibilidade de acompanhamento em momentos críticos, com foco nos momentos de passagem, e o “conhecimento contextual pode viabilizar políticas” [Santos 2010: 255].

Ferreira Santos mostra-nos então que a realidade, embora seja dura em alguns momentos, é sempre maior do que as definições e estigmatizações que a ela atribuímos. E é justamente este “mais” da realidade que sustentou a escrita e possibilita uma leitura provocadora desse livro. É este “mais” da realidade que permite apostar que, mesmo num caminho de marginalização aberto aos jovens, há um rosto que precisa de ser visto. Olhar este rosto é a possibilidade que temos de compartilhar a vida no seu carácter fundamental, aproximando-nos da humanidade daqueles que, por muitos outros aspectos, se encontram distantes de nós. É pelo compartilhar da vida que nos podemos dar conta de um coração humano comum a todos nós [Giussani 2009].

Por tudo isso, este livro é uma obra que rebenta os limites de uma ciência estreita, fruto maduro de uma pesquisa-arte que não se destina a morrer de tédio nas prateleiras das bibliotecas ou a enfeitar a parede de um colecionador. Não, esta obra é de leitura obrigatória para profissionais e estudantes de todas as Ciências Humanas, pois constitui-se como vida, testemunha da vida da periferia. Não se vangloria num exercício de architectar projectos abstractos, mas empenha-se em dar visibilidade e força ao que existe, cultivar o broto frágil e escancarar a força das raízes que permanecem vivas contra toda a intempérie. No caos aparente, colhe a beleza da vida. Isso é fazer pesquisa e viver a cultura de facto, que não é outra coisa senão esse cultivo do que é.

## Referências bibliográficas

- ARENDE, Hannah  
1999: *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, São Paulo: Companhia das Letras
- GIUSSANI, Luigi  
2009: *O senso religioso*, Brasília: Universa
- SANTOS, José Eduardo Ferreira  
2010: *Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens de periferia*, Salvador: Edefba
- WEIL, Simone  
2001: *O enraizamento*, Bauru: Edusc